

Artigo de Opinião

As opiniões expressas neste artigo são da exclusiva responsabilidade do seu autor e não representam necessariamente a opinião da ICF Portugal.

Horizonte

Maria Emília Leite

É curta, a rua, ladeada de plátanos. Deço-a lentamente, olhando os olhos castanhos que sobressaem dos troncos, olhos que me observam as memórias, os pensamentos, os sentimentos, as emoções.

Ai os grandiosos plátanos da minha infância! Símbolos de comunidade e fraternidade, de festa e alegria, sensibilidade e suporte, ciclos de vida e crescimento.

Continuo a caminhar, lentamente, conectada com os plátanos e a sua simbologia. Olho em frente a fachada de muros altos, arame farpado, um enorme portão verde, em ferro, uma moldura granítica cinzenta, dura e fria. Inscrito na pedra: Cadeia Central.

Toco a campainha. Abre-se o portão e, resolvidas as questões da segurança, abre-se um novo portão verde. Estou num recinto rodeado de fachadas altas, pequeninas janelas gradeadas. Ai as grades que nos aprisionam, também as mentais, as emocionais, dentro e fora deste espaço, as grades que levam à violência, à intolerância, à impotência, à dor, ao sofrimento.

Entro num outro espaço e vou-me dirigindo à biblioteca, onde aguardo um dos meus clientes para uma sessão de coaching, um sonho que começou a realizar-se no início de Novembro, uma missão que se vai cumprindo.

Enquanto aguardo, centro-me, agradeço e passo, sentindo um a um, os cinco princípios sempre presentes nas minhas sessões:

- ✓ As pessoas estão, basicamente, Ok;
- ✓ As pessoas têm os recursos, mais do que o que julgam ter;
- ✓ Por trás de cada comportamento há uma intenção positiva que, mesmo escondida, pode ser encontrada;
- ✓ As pessoas fazem a melhor escolha com o que sabem;
- ✓ A mudança é inevitável. Ainda que possa ser difícil no início, aprendemos, crescemos e descobrimos.

É maravilhoso verificar que a ideia inicial: aquilo que funciona para mim funciona para os outros, começa a ser demonstrado. É maravilhoso constatar a conexão que se estabelece pelo respeito, pela confiança, pela abertura, responsabilidade, entrega, e amor com que trabalhamos em coaching.

É maravilhoso tudo o que aprendo e aprendo sempre, em cada sessão, no antes e depois; é maravilhoso o crescimento e o desenvolvimento como pessoa e como coach.

É maravilhoso sentir a energia que recebo e que me impele a querer fazer mais e mais, a alargar a visão, a sonhar com um mundo melhor para os reclusos e famílias e dar os primeiros passos para contribuir.

O meu cliente chega e noto que, a cada semana que passa, a sua alegria, ainda que tímida, vai crescendo. Uma alegria que sinto, que vejo nos olhos, na postura do corpo. Vai fluindo uma

outra energia, há compromisso, a transformação vai acontecendo. Durante a sessão diz-me: Hoje em dia, começo a sentir-me um homem normal, como os outros. Vou para a cela e tenho outros pensamentos. Este trabalho é muito importante para mim.

Também eu sinto alegria, uma imensa alegria interior e uma energia renovada, em cada sessão de trabalho naquela biblioteca. Ter esta oportunidade é uma dádiva na minha vida.

O meu medo, o medo de ter clientes não “coachable”, o medo de não ser capaz, o medo de os clientes faltarem, desistirem, o medo do fracasso, foi-se transmutando em presença, inovação, capacidade de improvisação, aceitação do erro.

Inquietude, insatisfação, desejo de expandir, levaram-me a fazer formação em coaching, há dois anos.

Tinha dúvidas se queria ser Coach e, entre o sim e o não, numa sessão de coaching, abriu-se um caminho, uma visão clara e poderosa: Sim, queria, queria levar o coaching a pessoas que nunca tiveram essa oportunidade, queria fazer “Coaching social” e, em particular, trabalhar com mulheres reclusas.

Obrigada, Kim! Jamais esquecerei o poder do teu trabalho.

Declarei o que queria e iniciei o processo para a sua concretização. Estabeleci contactos, fiz apresentações, desloquei-me a várias instituições. Algumas portas nunca chegaram a abrir-se, outras fecharam-se e o tempo, esse não parava. Os dias passavam, semanas, meses, muitos meses mas, a minha visão acompanhava-me, mantinha-se nítida e poderosa, estimulava-me para continuar a insistir, descobrir novas possibilidades para lá chegar. Fui trabalhando a minha capacidade de aceitar, a minha tolerância à falta de resposta, a minha resiliência.

Trabalhei o processo em sessões de coaching e os estabelecimentos prisionais estavam sempre presentes. Era impossível desistir. Lentamente, foram-se abrindo portas. Não me conduziram às mulheres, é certo, mas conduziram-me ao trabalho com homens reclusos, que me permitiram o começo. O projecto foi aprovado e foi-me permitido iniciá-lo em Novembro.

Agradeço especialmente à Confiar que acreditou e tornou possível a apresentação do projecto e ao estabelecimento prisional do Linhó que o aprovou, permitindo a sua concretização.

É grande o entusiasmo, que vai crescendo com a possibilidade de expandir este trabalho, visão que tenho presente todos os dias: mais reclusos, mais estabelecimentos prisionais, alargamento às mulheres, com equipas de coaches a participar no projecto e ainda, fazer formação dentro de estabelecimentos prisionais, dando início à instalação de uma cultura de coaching sustentada que se reproduzirá por si própria.

Sim, quero participar no “ World Game”!

Sim, quero continuar a contribuir para uma sociedade mais inclusiva. Uma conversa de cada vez, uma conversa que, sabemos, pode ter um efeito de transformação poderoso na vida de cada homem, de cada mulher e gerar uma onda que se propaga e que influencia outros homens e outras mulheres.

Imaginem contribuir para o crescimento sustentado destes homens e mulheres, permitindo-lhe um melhor relacionamento com os colegas, com o quadro de trabalhadores dos estabelecimentos prisionais, com as famílias, podendo conduzir a uma mudança sustentada na cultura dos estabelecimentos prisionais que a todos beneficia, aos que lá estão dentro e aos que estão fora.

Imaginem contribuir para a redução da taxa de reincidência dos reclusos e aumentar as possibilidades de reintegração social.

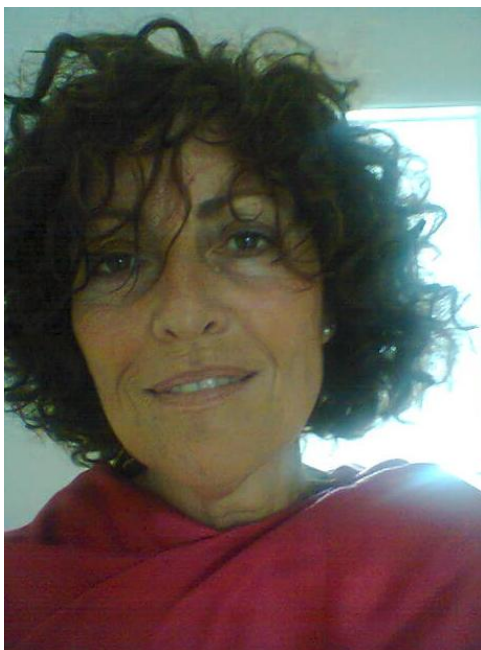
Imaginem o impacto que cada um deles pode ter na sua família, na sua comunidade, na sociedade! Imaginem esta onda que se propaga e outra onda e outra, ainda!

Imaginem e concretizem a possibilidade de contribuir, juntando-se ao projecto, fortalecendo e desenvolvendo a primeira onda e criando outra e outra... Levar o coaching aos estabelecimentos prisionais e ter o privilégio de partilhar o mundo do coaching com pessoas que nunca tiveram essa oportunidade e não sonhavam voltar a ter o direito a sonhar e a concretizar os seus sonhos, um passo de cada vez!

” A senhora ajudou-me a abrir caminho para eu plantar as sementes. Vou fazer da vida a felicidade” diz-me, na última sessão, um outro cliente do estabelecimento prisional.

Vamos ajudar a abrir caminhos?

Sobre a autora:



Maria Emília Leite nasceu em 1956, no Concelho de Cascais, numa família rural, que acolhia e dava suporte aos mais vulneráveis. Age para criar mudança, imaginando possibilidades entre o que é e o que pode ser, entregando-se com paixão aos projectos em que se envolve.

Com formação em Gestão de Recursos Humanos e Psicologia do Trabalho, liderou equipas durante quase 40 anos nas áreas: Social, Consultoria, Gestão Hoteleira (em Portugal e África), Administração Pública e Educação. Conselheira para a Igualdade de Oportunidades na CIDM, participou na elaboração do I Plano Nacional contra a violência doméstica.

Foi conselheira no Conselho Nacional da Família e membro da Comissão Interministerial do Programa “Educação para Todos”.

Apaixonada pela transformação e crescimento, estudou Psicologia Junguiana, fez formação em Coaching e PNL. Hoje é Coach e desenvolveu o projecto “Levar o Coaching aos estabelecimentos prisionais”.